

APRESENTAÇÃO

Esta edição da revista busca reunir estudos e experiências em torno de *Leituras e identidades negras: narrativas, histórias e memórias*, de modo a mostrar olhares distintos relacionados às identidades negras tencionando, assim, reposicionar discursos e práticas a partir da visibilização de ações e pesquisas no tema, em suas configurações contemporâneas.

A ideia é mostrar uma parte das pesquisas e produções de pesquisadores/as, educadores/as, ativistas, que apontam a heterogeneidade e similaridades em abordagens no campo, por meio de reflexões que traduzem a potência da dimensão étnico-racial na escola, na universidade na sociedade.

O conjunto de textos constantes do volume situa-se em distintas áreas do conhecimento (Linguística, Literatura, História, Antropologia, Educação, entre outras) e desvela facetas do *racismo* à brasileira e, principalmente, apresenta linhas de fuga em face desse antigo problema social, ajudando-nos a melhor compreender e identificar suas nuances camaleônicas, se compreendidas sob o ponto de vista de Carlos Moore (2007), em seu contundente livro *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*.

São textos que trazem a uma das arenas do poder, a academia, no caso, a *insurreição* de saberes outrora *assujeitados*, possibilitando que vozes da resistência ecoem “do lado de cá” e, tal qual sopros ancestrais, abram novas veredas ante as amarras racistas em suas novas e antigas ciladas, intoxicantes. Por meio do debate aqui instaurado, a intenção é compartilhar produções de extrema relevância social, mostrar temas instigantes, provocativos, com nuances e perspectivas capazes de sensibilizar e informar leitores/as, em face das identidades/alteridades enredadas nas fendas do saber.

Como afirma Marta Alencar dos Santos, uma das autoras dessa publicação, na epígrafe do seu texto, “*essa ciranda não é minha só, é de todos nós...* Então, que saibamos cirandar sob o signo das letras, viajando às Áfricas ressignificadas nas diásporas, aqui representadas por Brasil e Estados Unidos, cujos espaços socioculturais serão abordados, fazendo emergir as identidades negras enquanto potência de um novo devir...

Na organização dos textos procuramos encadeá-los por proximidade temática: mulheres negras, livros, literatura, educação... E, assim, a ciranda começa com o artigo *Articulação da rede de mulheres negras na diáspora africana: tradição viva, contraditória, em constante reinvenção*, de autoria de duas pesquisadoras da UFBA, *Máisa Maria Vale e Lina Maria Brandão de Aras*, que discutem formas de organização feminina negra na contemporaneidade, focalizando especificamente a I Marcha das Mulheres Negras. Tecem-se, assim, as faces anônimas dessas mulheres, revelando-se ante o perigo do silenciamento opressor.

Trata-se, portanto, de visibilizar e evidenciar que negras sempre falaram em seus modos de dizer/fazer e resistir à subalternização. Ante a “bacia semântica” de ideias engendradas, as autoras elucidam o que entendem por “identidade”, “diáspora africana”, entre outras noções importantes, além de trazerem à cena a trajetória dos movimentos dessas mulheres guerreiras, que se irmanam em torno de uma tradição de lutas e se fazem audíveis, ante a arte de enfrentar os desafios, encontrar sinuosos caminhos para re/criar outros modelos civilizatórios e se afirmar nessa negra diáspora.

As negras mulheres organizadas e mobilizadas em prol de uma causa, no caso, *a Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo*, são o ponto de reflexões de *Ivanilde [Ivy] Guedes de Mattos*, que enfoca um movimento crescente na atualidade, o de mulheres negras que ousam assumir as madeixas crespas. Partindo de uma longa caminhada no campo da estética negra, primeiro como cabelereira e, depois, como pesquisadora da área, Ivy Mattos vai entrelaçando os fios da memória a outras histórias delineadas em seu texto, chegando a ativistas contemporâneas atuando em prol da afirmação identitária, pelo engajamento através do cabelo. Detendo-se sobre algumas redes sociais, observa e analisa esse fenômeno “afro-diaspórico”. Os cabelos, sob esse prisma, cumprem um papel social, um ato estético, político e crítico, indicador da resignificação das diferenças. Trata-se de uma reflexão que implica e transcende episódios autobiográficos, que desnuda as faces do *racismo à brasileira* e seu enfrentamento. Em se tratando da estética negra, a autora reitera que “[a] partir do momento que decidimos não mais abaixar o volume dos nossos cabelos estamos assumindo um novo comportamento — uma postura crítica e efetivamente afirmativa”.

Em *Mulheres griôs quilombolas: um estudo inicial sobre identidade de gênero e identidade étnica*, de *Adriana Cardoso Sampaio* (UNEB) e *Ana Cláudia Lemos Pacheco* (UNEB), as autoras se propõem “entender a produção das identidades étnico-raciais e de gênero de mulheres quilombolas mais velhas na constituição da comunidade [...] do Barro Preto, localizada

na zona urbana da cidade de Jequié, Bahia”. Para tanto, realizam pesquisa etnográfica com base em Geertz e Magnani, explicitando o caminho escolhido — a “perspectiva de ‘perto’ e de ‘dentro’ desse conjunto de identidades”.

Tratando da problemática concernente a gênero e raça, defendem, fundamentadas em Kimberlé Crenshaw (2002), a interseccionalidade em tais conceitos, viabilizando “uma análise profunda e real acerca da discriminação vivida por mulheres negras na sociedade”. A produção de outras importantes pesquisadoras negras também é trazida no artigo, a exemplo de Lélia Gonzalez, Patrícia Hill Collins, Luíza Bairros, bell hooks, Ana Cláudia Pacheco.

O termo griô é discutido sob o ponto de vista de Hampaté Bâ, principalmente, entre outros estudiosos da área. De origem africana, “a palavra Griô, também [é] chamado *dieli* em bambara; *nyamakala* em fulfulde significa animadores públicos na cultura africana”, explicam as autoras. Aos *Griots*, definidos como mestres e portadores de sabedoria, atribuíam-se papéis sociais distintos, conforme evidenciado pelas pesquisadoras, que constataam a carência de estudos sobre as mulheres quilombolas em nosso país. Apesar disso, as griôs quilombolas, protagonistas da pesquisa, seguem suas travessias de luta, preservação da memória dos antepassados e, por conseguinte, das tradições e de sustento dos seus lares, organizando-se nas respectivas comunidades. Considerando os dados iniciais do “diário de campo”, as autoras afirmam já ser “possível identificar uma riqueza de elementos que constituem suas identidades de gênero e étnica através de suas vivências como mulheres trabalhadoras, autônomas que sustentaram e ainda ajudam a sustentar seus lares a partir dos saberes”.

Vozes das resistências negras se insurgem, também, em seus cantos e encantos em uma narrativa emocionada e emocionante. *Rosemarie Freeney Harding (mãe) e Rachel Elizabeth Harding (filha)* discorrem sobre *O acolhimento, a cura e os vultos: reflexões sobre a religião e a militância negra norte-americana do sul dos Estados Unidos*. O texto é enredado pelo sensível olhar de *Rosemarie* (a narradora), em colaboração com a filha, *Rachel*. Elas descrevem um universo pautado em raízes tradicionais africanas revividas em solo sul-americano dos anos 60, tendo a matriarca da família, a bisavó *Mariah* (“Vovó Rye”), provavelmente nascido em terras africanas, em 1827. E, entre “as décadas de 1910 e 1920”, seus familiares “começaram a se deslocar para o norte” dos Estados Unidos, fugindo das ondas de violência da terra onde nasceram, as pequenas cidades da Geórgia indo, também, em busca de emprego. Eles, na realidade, “[...] foram arrancados de suas raízes, movendo-se para Detroit, Nova York

e Chicago. De outra forma, iam apenas esticando as raízes, mudando um pouco de seus contornos, mas firmando-se à profunda nutrição que lá ascendia”.

Somos, assim, conduzidos aos espaços de aprendizado, de irmandade, de religiosidade enquanto dignidade e forma de reapropriação das raízes culturais africanas, em constante mobilização, orientação e cura, ante as dores do viver, pois o “significado da religião para o povo negro, insistem Long e Bass, está no coração da nossa história, no nosso trauma e nossa esperança”, conforme a narradora.

Após percorrermos as nuances das terras ancestrais, sob a condução poética de uma americana, que se reconhece e se identifica com as tradições africanas, ao redimensionar e dar sentido ao seu viver, temos a oportunidade de adentrar noutras tradições, em uma África diversa, de *Vou lá visitar pastores: espaço e narrativa em Ruy Duarte de Carvalho*, artigo da autoria de Laura Regina dos Santos Dela Valle (UFRGS) e Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS), que se debruçam sobre o referido livro, a fim de explorar “o universo particular do povo Kuvale, um subgrupo da etnia Herero”. Como afirmam, o livro em questão implicou o convívio do autor com o grupo étnico Kuvale “por aproximadamente seis meses por ano [...] no deserto do Namibe”. Trata-se, portanto, de uma produção literária que “envolve antropologia, literatura e história”. No processo analítico, as pesquisadoras remetem a diversos teóricos e críticos, para respaldar noções conceituais aludidas, a exemplo de Wolfgang Iser, Gaston Bachelard e François Laplantine.

Observamos, através da análise, a riqueza de um dos grupos étnicos angolanos que, por se assumir enquanto diferença cultural, acaba sendo marginalizado e estereotipado socialmente. Foi o que ocorreu “com os Kuvale, assim como com inúmeras outras etnias em África. E, pela incapacidade de ocidentalizá-los, estigmatizam-nos e desprezam-nos, transformando-os em figuras exóticas”. A despeito disso se evidencia que, na realidade, trata-se de um “[...] grupo etnolinguístico originário do banto, [...] sobrevivente de um longo período de guerras e de marginalização”.

São apresentados os capítulos do livro, os subcapítulos, as questões centrais, o ponto de vista do narrador, identificado e compromissado com a arte de narrar, sem prescindir dos detalhes e singularidades dos Kuvale, mesmo diante das guerras para sobreviver. Nesse percurso, é apresentada a descrição “[...] geológica das formações rochosas da região, do clima e da vegetação”. Tecem-se considerações sobre o estilo do autor, suas peculiaridades oníricas e

críticas em face do sistema colonial, a opressão social, as mudanças conjecturais e o papel social da mulher enquanto agente da sua história. Por fim, concluem que a “análise da realidade observada evidencia o comprometimento social de Ruy Duarte, seu modo pessoal de captar a realidade vivida e transformá-la em narrativa”.

Saindo do campo memorialístico, das mobilizações e articulações realizadas por mulheres negras, suas ações e falas em movimento, passamos a apresentar outras suas vicissitudes, gingas e modos de se afirmar e dizer não às amarras racistas. Somos, agora, convidados/as a encenar outras cirandas, impressas nos textos literários e/ou livros didáticos, seja seguindo a *ordem do discurso* instituído, seja rasurando tal discurso. Outras formas de fazer emergir as identidades/alteridades que nos constituem como diferença. Diferenças delineadas sob distintos pontos de vista, em uma literatura que rasura os padrões eurocêtricos, estilizando as máscaras brancas.

Dayse Sacramento de Oliveira e Maria Nazaré Mota de Lima, em “*Por que elas e não outras? Algumas histórias sobre adolescentes negras em privação de liberdade na FUNDAC*”, analisam aspectos da vida de adolescentes negras em cumprimento de medida socioeducativa nesta instituição, em Salvador/Ba. As autoras discutem conceitos como raça, gênero, juventude, a partir de estudos anteriores e concluem, como o título sugere, que determinados sujeitos são eleitos pelo Estado como os que devem ser encarcerados. Seus sonhos, desejos, dificuldades e problemas vivenciados na Casa, projetos de vida são trazidos em falas das adolescentes, mantidas afastadas do convívio social, por serem consideradas como produtoras de violência.

Pela via da poesia ou da prosa, desde 1978, os *Cadernos Negros* vêm forjando alteridades e as inserindo na seara literária. É o que evidenciam Bárbara Maria de Jesus Oliveira (UNEB) e Maria Anória de Jesus Oliveira (UNEB), através do artigo *Cadernos Negros: poéticas da resistência e a temática dos cabelos crespos em Pixaim e Afagos*.

Iniciam as reflexões em um tom memorialístico, entrelaçando a tessitura literária às vivências de uma das autoras em sua fase infante, ao lutar para afirmar as negras raízes. Trazem à cena uma afirmação extraída da primeira edição dos referidos *Cadernos* (1978, p. 2) para reiterar que “Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as tais máscaras brancas, pondo fim à imitação”. Essas máscaras, em analogia a Frantz Fanon (2008), dizem respeito aos padrões de

beleza brancos impostos às protagonistas dos contos *Afagos* de Elizandra Souza (2007) e *Pixaim*, de Cristiane Sobral (2011).

Partindo da hipótese de que tais “contos afirmam as identidades negras, à medida que realçam os fenótipos dos personagens, a exemplo dos cabelos crespos e da cor da tez (negra)”, as pesquisadoras contextualizam a história desses Cadernos, os problemas e as perspectivas no mercado editorial. Pautadas na teoria, na crítica literária e em áreas afins, chegam à conclusão de que há, nesses textos, “[...] personagens que passam por complexos processos de negação e/ou submissão diante da imposição brancocêntrica. Também trazem à tona a subversão e a consequente afirmação identitária”. *Dara*, em *Afagos*, da escritora Elizandra Souza (2007) e *Pixaim*, da autoria de Cristiane Sobral (2011)” são exemplos disso.

Negras mulheres não saem de cena, e quem as tematiza também é a estudiosa Ivana Freitas (UFBA), no texto nascido a partir da sua tese de doutoramento intitulada *O ponto e a Encruzilhada: a poesia negra rasurando a literatura oficial através da intertextualidade*. Seu propósito, no texto, consiste em identificar “como a poética negra brasileira, através da intertextualidade, instaura pontos de rasuras e fraturas na memória, na história e na literatura oficial, através do conflito e do reconhecimento do espaço poético como uma arena”.

A autora analisa a poesia dos *Cadernos Negros*, fazendo uma incursão arqueológica em diversos textos sem, contudo, preterir os contextos nos quais esses textos foram publicados. Pautada em estudiosas do campo literário, da filosofia, das Ciências Sociais e Humanas, tece a análise intertextual em diálogo com obras canônicas e identifica, nestas, os recorrentes preconceitos étnico-raciais. A partir das poesias analisadas, aponta as fraturas, as rupturas com os vieses eurocêntricos, por meio da poética negra. Estilhaçam-se, assim, as faces brancas e seus disfarces faceiros, ao parodiar textos clássicos, como a *Boa Irene* (de Manoel Bandeira) e *Nêga Fulô* (de Jorge de Lima), retomados por escritores dos *Cadernos Negros*, a exemplo de Márcio Barbosa e Oliveira Silveira, entre outros.

Insurgem-se, ante esses entrelaces paródicos, a recusa à passividade e a afirmação sob a face de outras mulheres, metaforizadas e valorizadas nos versos dos escritores em questão.

As vozes de mulheres negras são também delineadas no texto *Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência*, do pesquisador Eduardo Duarte. Importa destacar o percurso seguido por Duarte, quando ele contextualiza a insurgência de tal temática em tempos antigos, evidenciando distintos modos de ver e conceber as diferenças em

nossa literatura. Embora enfocando, de início, a configuração da violência na obra de Dalton Trevisan, o seu recorte principal são produções de Rubem Fonseca e Conceição Evaristo. Nos textos do primeiro, prevalece a marca da “brutalidade”, da violência gratuita. Em um de seus livros, *Ela e outras mulheres* (2006), e em todos os contos da coletânea “[...] o leitor assiste a um desfile de adúlteras, ladras, sádicas, ninfomaníacas, alcóolatras, mendigas, assassinas, suicidas, algumas sedutoras, outras asquerosas [...]”, afirma o autor. Logo, conclui-se que a “violência, [o] sexo e [a] morte compõem o entrecho e quase sempre emolduram o *gran finale* dos contos daquele escritor. Por outra via, em Conceição Evaristo a violência perpassa a vida das personagens, sobretudo as mulheres; no entanto, não se resume ao gratuito, à desumanização do ser mas às circunstâncias pontuais, estando atrelada às questões sociais, étnico-raciais, enfim, aos problemas que afetam as vivências das personagens, havendo, no modo de narrar, uma identificação com esse ser e suas aflições. Portanto, Eduardo Duarte conclui que “[e]ssa identificação com o Outro embasa a “escrevivência” da autora e se impõe enquanto diferencial de relevo no âmbito da tentativa comparativista aqui ensaiada”.

Após adentrarmos o universo de seres ficcionais mulheres, nas produções destinadas aos adultos, nos voltamos para a representação das crianças e jovens na literatura denominada como infanto-juvenil, tendo em vista a grande importância dessas produções para a (de)formação de leitores. É o que tematiza o artigo *Relações étnico-raciais em livros distribuídos pelo PNBE*, fruto de uma dissertação de mestrado da doutoranda *Ana Carolina Lopes Venâncio* (UFPR) e do pesquisador/orientador *Paulo Vinícius Baptista da Silva* (UFPR/CNPQ). No texto são apresentados os resultados do estudo, sobre a “análise da diversidade em obras que compunham os acervos do Programa Nacional Biblioteca na Escola — PNBE (2007), voltado aos educandos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de 09 anos [...] para distribuição e uso em 2008”, financiado pelo FNDE. O corpus foi constituído por 20 livros distribuídos em Curitiba, analisados através de abordagens qualitativas e quantitativas. Partindo de uma “perspectiva crítica de análise sobre as políticas educacionais e culturais”, os autores recortaram, enquanto temática analítica, aspectos voltados à “deficiência e diversidade de gênero, raça e idade na literatura infanto-juvenil”.

Embora reconhecendo mudanças significativas nas pesquisas na área, no *corpus* do estudo em questão (PNBE, 2007), afirmam os autores que as “mudanças observadas podem ser caracterizadas como relativamente tênues, comparando o presente estudo com estudos anteriores”, já que persiste o mito da democracia racial em tais produções, além de se endossar o padrão hegemônico branco enquanto representação estética sociocultural. Diante de tais

dos, propõem a “exploração da literatura em toda sua riqueza estética e força conceitual, ou seja, de forma crítica, reflexiva e questionadora com todos os segmentos humanos”, que devem “ser representados” no âmbito da linguagem literária “num processo de respeito e acolhimento da ‘diferença’ que nos dá identidade”.

Outro assunto de extrema relevância social, abordado com maestria, diga-se de passagem, pela pesquisadora *Débora Cristina de Araujo* (UFPR), é a dicotomia hierarquizante que os grupos hegemônicos vêm perpetuando em relação à linguagem oral e escrita. Esse é o foco do seu texto *Representações sobre oralidade e escrita na tradição africana e sua presença/ausência na formação educacional brasileira*. A autora procura compreender “[...] em que contextos e sob quais perspectivas a escrita está sendo considerada superior à oralidade”. Mediante a revisão bibliográfica de reconhecidos estudiosos da área, ela vai desvelando as faces, os equívocos e as farsas no campo linguístico, ao hierarquizar e inferiorizar as linguagens orais e, em contrapartida, difundir a pretensa superioridade da escrita, sob o ponto de vista ocidental. Os argumentos falaciosos de pensadores são colocados em xeque, evidenciando-se preconceitos linguísticos e, mais que isso, a introjeção do racismo epistêmico e seus constructos teóricos. Uma das importantes referências é o renomado etnólogo e escritor africano (do Male) Amadou Hampaté Bâ (2010), o qual “[...] ressalta na figura do “tradicionalista” características mnemônicas extraordinárias, considerando sua principal função: arquivista”. Enfim, percorrendo esse texto será possível, também, compreender as diferenças e os papéis sociais atribuídos ao *Dieli*, aos *Griots*, *Griots-Doma* e suas reverberações.

É ainda a África, sob a ótica da diáspora, no Brasil, o tema das reflexões do pesquisador Paulino de Jesus Francisco Cardoso (NEAB/UDESC) e suas orientandas Aline Rafaela Lelis, Carol Lima de Carvalho, Ticiane Caldas de Abreu e Ana Júlia Pacheco, através de *O cenário da história da África no ensino superior: UFFS, UDESC e UNESC*. Interessa, no presente texto, responder a uma questão crucial que, a nosso ver, se estende a todas as instituições de ensino (desde a Educação Básica ao Ensino Superior), qual seja, o que se está ensinando sobre a África, visto que a maioria das profissionais da educação em nosso país, salvo raras exceções, não tem formação na área. Nas palavras de Mônica Lima (2004, p. 84), questiona-se: “Que história será esta, se a maioria dos professores em atividade não a conhece?” e recorre-se aos planos de ensino como objeto de investigação, a fim de aferir uma resposta plausível ao questionamento inicial. Os autores identificam, nesses planos, “as escolhas, as perspectivas e possibilidades”. Explicitam os caminhos metodológicos percorridos, os sujeitos envolvidos no

processo e, por fim, concluem que se privilegiam os períodos correspondentes aos “séculos XI e XIX” nos planos das instituições analisadas. Ou seja, as abordagens se dão a partir da presença dos europeus no continente africano, prescindindo-se as civilizações anteriores a esse marco temporal, suas tradições e vasto legado cultural. Citando Azevedo (2013), destacam que, diante dessa escolha, “as Áfricas e as Diásporas sofrem um esvaziamento de memórias quando associadas apenas à historicidade europeia”. Em relação à Lei 10.639/03, afirmam: “as instituições se atentam à implementação”, o que “indica, talvez, a não necessidade de nova legislação”, e sim, o “aprimoramento da fiscalização por parte dos órgãos federais, inclusive com a produção de indicadores que nos permitam acompanhar a implementação de fato e a qualidade dos conteúdos ministrados”.

Como nosso caminho é circular, rememoremos a epígrafe do texto de *Marta Alencar dos Santos* (UNEB): *A primeira infância negra e a gestão das instituições de educação infantil: Essa Ciranda não é minha só, é de todos nós...* Portanto, deixemos as veredas entreabertas nessa nossa ciranda, apresentando um pouco das ideias engendradas no seu artigo.

A autora faz uma incursão na história da infância das crianças negras no Brasil, referindo-se também à infância de crianças indígenas e de crianças brancas, cujos papéis sociais são distintos, tanto no Brasil Colônia quanto na contemporaneidade.

O propósito da pesquisadora é refletir “sobre o papel da gestão educacional no enfrentamento ao racismo nas Instituições de Educação Infantil, e aponta algumas ações desenvolvidas no CMEI Vovô Zezinho”, a partir de sua experiência de gestão e como professora da instituição, que já recebeu diversos prêmios, inclusive o “Prêmio Educar para a Igualdade Racial”, do CEERT/SP. A análise que empreende demonstra a estreita relação entre racismo e gestão, relevante para compreendermos as infâncias, sobretudo, das crianças negras, as quais são mais susceptíveis à discriminação racial e invisibilização social.

Embora reconhecendo os avanços mediante algumas conquistas galgadas nos últimos tempos, no que tange às políticas públicas, a universalização, no tocante à concepção de criança, mais agrava os problemas sociais que atingem as crianças negras e de origem pobre, cerceando e/ou limitando seus direitos de reparação social.

Além dos artigos, a Revista se compõe de uma resenha e uma entrevista. Para a resenha, a obra escolhida foi *Aprendo ensinando: experiências em um espaço religioso*, da autoria de Valnísia Pereira de Oliveira. Neste livro, etnográfico, autobiográfico, polifônico e multi-

modal, a autora compartilha significativas vivências suas na Casa Branca e no Terreiro do Cobre. As qualidades do texto são analisadas por Isabelle Sanches Pereira, pesquisadora de obras de escritoras lideranças religiosas de matriz africana.

Na entrevista, as editoras da publicação dialogam com Denise Maria Botelho, educadora e pesquisadora de relações raciais, acerca de questões relacionadas às identidades e presença negra na universidade, na escola, na sociedade. Em pauta, a institucionalização da abordagem da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo das escolas, o papel e relevância da formação universitária nesta institucionalização, os desafios interpostos pela intolerância religiosa nos espaços de educação, dentre outros temas discutidos pela brilhante entrevistada.

Que as questões e reflexões aqui trazidas sejam de interesse dos leitores/as da Revista e que contribuam com os seus estudos e focos de análise, nessa ciranda antiga, afirmativa e, sabemos, antirracismo.

Maria Anória de Jesus Oliveira

Maria Nazaré Mota de Lima

Referências¹

AZEVEDO, Amailton Magno. *Imagens da África: entre a violência discursiva e a produção de memória. A cor da cultura*, 2013.

CADERNOS NEGROS 1. São Paulo: Ed. dos Autores, 1978.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, n. 1. 2002.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva In: KI-ZERBO, Joseph. (Ed.). *História geral da África, I. Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

LIMA, Mestre Alcides de; COSTA, Ana Carolina Francischette da. Dos griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. *Dossiês Pedagogia Griô. Revista Diversitas*. São Paulo, ano 2, n. 3. set. 2014-mar. 2015.

¹ Relacionamos, nas referências desta apresentação, apenas as obras aludidas por nós, em nossas reflexões. Não relacionamos as obras citadas pelos/as autores/as dos textos apresentados e aqui mencionadas, as quais constam das referências de cada trabalho.

LIMA, Mônica. A África na sala de aula. *Nossa história*, ano 1, n. 4, fev. 2004.

MOORE, Carlos. *Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SOBRAL, Cristiane. Pixaim. In: RIBEIRO, Esmeralda, BARBOSA, Márcio. (Org.). *Cadernos Negros 24: Contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2011, p. 13-17.

SOUZA, Elizandra. Afagos. In: *Cadernos Negros 30: Contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2007, p. 75-81.